

SILVEIRA, E. L.; LOPES, R. L. Da (im)possível m(a)estria em tempos (hiper)modernos: sobre a linguagem, a educação e a psicanálise. **Revista Falange Miúda (ReFaMi)**, Cuiabá, v. 3, n. 2, jul-dez, 2018.

## **DA (IM)POSSÍVEL M(A)ESTRIA EM TEMPOS (HIPER)MODERNOS**

---

Sobre a linguagem, a educação e a psicanálise

ÉDERSON LUÍS SILVEIRA\*  
LUCAS RODRIGUES LOPES\*

\* Doutorando em Linguística (UFSC) e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) sob orientação do prof. Dr. Fábio Lopes da Silva. [ediliteratus@gmail.com](mailto:ediliteratus@gmail.com)

\*\* Doutorando em Linguística Aplicada (UNICAMP). [identidadesfragmentadas@gmail.com](mailto:identidadesfragmentadas@gmail.com)

**RESUMO:** O presente texto visa discutir relações entre psicanálise e educação. Pensando a relação transferencial e a presença do inconsciente como argumentos norteadores serão percorridas algumas ponderações psicanalíticas acerca da educação e o ensino da linguagem em tempos hipermodernos. O método parte do levantamento bibliográfico e do uso da interpretação sem visar à exaustão dos temas. Conclui-se que o sujeito é efeito da linguagem e a psicanálise tem sido utilizada à custa de sua marginalização devido ao fato de problematizar a pretensão de um ideal educativo e deslocar para uma discussão sobre *as condições de possibilidade* de qualquer educação.

**PALAVRAS-CHAVES:** Psicanálise. Linguagem. Educação.

## 1. INTRODUÇÃO

Falar de educação em tempos (hiper) modernos<sup>1</sup> é, indubitavelmente, olhar as relações humanas e, a partir delas, perceber o quanto a tarefa de ensinar mudou ao longo dos anos. Cada vez mais emergem métodos “inovadores” de ensino que se apresentam como redentores para as dificuldades de aprendizagem de uma gama de estudantes e realidades cada vez mais complexas. A sede insaciável pelo novo é o que caracteriza tempos incertos que, ao mesmo tempo em que se contrapõem a modelos antigos de ensino (o dito ensino tradicional, pautado na educação bancária, que foi criticada por Paulo Freire), se aliam a formas de reprodução sob pena de deixar professores e estudantes à deriva. O ensino da linguagem não passou ao largo disso. Por outro lado, a psicanálise pode ser um terreno fértil que possibilite ampliar o escopo das reflexões possíveis neste âmbito. É essa relação que o presente texto visa problematizar sem pretender esgotar o assunto.

## 2. DAS RELAÇÕES ENTRE A PSICANÁLISE E O ENSINO (DA LINGUAGEM)

Michel Arrivé (1994) escreveu uma obra singular acerca das relações entre Linguística e Psicanálise. No prefácio ao livro, Jean-Claude Coquet tece algumas considerações que podem ser perspicazes para que nos atentemos para a necessidade de resgatar contribuições psicanalíticas ao campo da educação (e do ensino da linguagem). Eis as palavras:

Ao ler Michel Arrivé, lembrei-me das palavras de um pianista célebre a quem pediam para indicar as regras da sua arte. Tocar exatamente o que está na partitura. Tal foi, em resumo, a resposta. Depois caiu em si, como que tomado por um escrúpulo, e fez por sua vez a pergunta: “Mas o que quer dizer ‘exatamente’?” Essa volta ao seu próprio discurso, esse “metadiscurso”, segundo o termo proposto e analisado neste mesmo texto por M. Arrivé, é a

---

<sup>1</sup> Lipovetsky (2004) explica que se em tempos anteriores à pós-modernidade as sociedades se pautavam na repetição de modelos consagrados, nos tempos hipermodernos é o fetiche do novo, a sede pela novidade que se esgota e dá lugar à outra e outra e, assim, sucessivamente, que impera. Desse modo, o consumo se torna peça fundamental constitutiva da identidade do sujeito hipermoderno. Assim, a regra passa a ser a transformação e não mais a repetição, o que promove uma insegurança incessante em relação ao futuro. O que se tem é a relação dos seres humanos com uma sociedade em processo de mutação constante. A modernidade, então, encontra lugar em suas reflexões como a repetição de modelos já consagrados.

lei comum antes de ser próprio do teórico. [...] Não que o nosso autor queira se passar por mestre ou, presa do engodo da comunicação, se esforce por atingir abusivamente a clareza. É certo que a busca, ele o diz e repete. A sua tarefa, entretanto, ao que me parece, é acompanhar, onde é possível, o nascimento e a evolução dos conceitos teóricos; demonstrar, se for o caso, o seu “caráter fugidio”, ou mesmo delimitar-lhes o campo de validade (COQUET, 1994, p. IX).

O que nos interessa, nas reflexões que aqui estamos propondo é a necessidade de perceber não a psicanálise como originária de um método de ensino, mas da incursão de tal ramo em questões educacionais que ocorre à custa de sua marginalização. Por isso que objetos antigos se apresentam sob novas roupagens, como o que vemos nos casos em que práticas pedagógicas resultam na artificialização da linguagem, por exemplo, ou quando o ensino gramatiquero se pauta em pressupostos tradicionais negligenciando a existência do fora da língua, de derivas e produção de sentidos outros diferentes dos que estão pré-estabelecidos em manuais. Quando o enfoque didático estiver norteado por questões estruturais centrado-se em aspectos formais apenas reforça-se, com frequência, a superficialização da leitura na qual o ensino da linguagem reflete o uso da leitura como pretexto para memória e reprodução de estruturas linguísticas ou textuais o que resulta na artificialização da própria linguagem como categoria de estudo e objeto do conhecimento.

Segundo Longo (2006, p. 7), “A linguagem humana é o termo entre o eu e o outro. Entre o sujeito que fala e seu ouvinte existe um anteparo, uma proteção, uma espécie de muralha que se ergue, mesmo quando há silêncio. Entre dois seres humanos existe sempre uma muralha da linguagem”. Inicialmente, já esclarecemos que a relação estabelecida entre psicanálise e educação é paradoxal, por assim dizer que são opostos que, ao se contrastarem, complementam-se. Dizemos isso uma vez que não há textos na obra de Freud que tratem exclusivamente da educação. Entretanto, um amplo legado foi deixado aos que continuam a relacionar diferentes áreas de estudos à psicanálise. Para Kupfer (1989), embora a psicanálise tenha reverberado em diversas áreas como o cinema, as artes, a linguística, a cultura, não chegou a atingir de forma significativa os professores brasileiros. Necessária, como mencionamos, se torna a psicanálise para problematizar questões educacionais (sobretudo relacionadas ao ensino da linguagem) desde que Freud (2012) afirmou que, assim como governar e psicanalisar, educar é uma das três profissões impossíveis relacionadas à existência humana sobre a Terra. Sobre o educar, cabe a constatação de que o professor precisa

compreender que “[...] pode organizar seu saber, mas não tem controle sobre os efeitos que produz sobre seus alunos” (KUPFER, 1989, p. 97), pois não tem como saber acerca das múltiplas repercussões inconscientes de seus ensinamentos e de sua própria figura perante os discentes.

Se empreendêssemos uma busca dicionarista para o verbete tão discutido, na atualidade, possivelmente poderíamos entender melhor que acepções são esperadas da educação hoje em dia. Se considerarmos a palavra disciplina, por exemplo, podemos notar que dicionaristicamente, povoam o inconsciente acerca da palavra imagens como “obediência aos preceitos e às regras, boa conduta, respeito aos regulamentos, submissão às normas”, relacionando-se o termo também a uma forma com que se ensinam matérias em escolas ou faculdades. O que se espera, frequentemente, é que a intervenção adulta se realize no encontro com a maturação das capacidades dos discentes. É assim que a ilusão do controle do processo educativo ocorre. Os manuais, livros didáticos, relatos de experiência de sucesso têm aparição neste contexto, o de confortar prometendo aos professores o controle das situações educacionais. Ao pensar desse modo e agir a partir de tais preceitos os alunos são pensados como objetos dessa ação pedagogizante ocupando um lugar de objeto desse discurso. É preciso que nada lhes falte, que o desejo seja refreado e que se constituam como sujeitos de um desejo de aprender cerceado por representações narcísicas exteriores que advém de projetos pré-estabelecidos do que venha a ser o objeto de seu desejo em instâncias educativas. Se o desejo é fundado pela falta que o constitui, só por aí já se percebe, de antemão, que tal relação será frustrada.

Desse modo, a linguagem e a psicanálise são domínios que podem estar relacionados – a depender da abordagem utilizada-, o que torna a tarefa de compartimentar, segmentar e separar as disciplinas que compõem o currículo escolar uma árdua tarefa, uma vez que não há um limiar entre os dois campos. O caminho que liga os dois pontos está sempre sendo (per)corrido (por alguns e interdito, recalçado, por outros), mas existem fendas que merecem atenção. Isso porque é inegável, também, que o espaço escolar, na atualidade, busca novas emergências das e nas quais uma nova função-sujeito age a partir de tentáculos vorazes da mercantilidade bem como das múltiplas oportunidades de conexão advindas do mundo das novas tecnologias.

A respeito dessa faceta, Maurano (2010, p. 11) discute que o futuro chegou e “no fim das contas o que mais se acelerou em nossos tempos foram os laços que nos ligam, ou tentam nos ligar, uns aos outros”. Desse modo, somos mediados e mediamos a tecnologia – *tablets*,

*smartboards*, *smartphones*, fibras óticas e diversas linguagens de programação, entretanto o apelo ao qual centramos é a necessidade de criação de laços, uma emergência contemporânea no e do espaço escolar, uma vez que há fios complexos-discursivos que (im) posicionam o agir do professor fazendo com que seu ensino seja cada mais tecnologizado. Não menos complexo é o mundo das palavras. Para Milner (2012), o campo freudiano esteve, desde o início articulado a tal segmento. Frente à impossibilidade de tudo dizer, a própria palavra não vai em todos os sentidos devido à existência de um impossível constitutivo da linguagem. Por mais que as gramáticas, os compêndios e os manuais busquem domesticar o real da linguagem, mais ela escapará por causa desse impossível que a funda e a constitui como possibilidade entre os seres humanos. Daí que um ensino que se volte para a domesticação de palavras, classes e termos pré-estabelecidos tende a estar fadado a um fracasso, se o ensino se voltar para essa (tentativa de) domesticação de palavras, linguagens e pessoas.

É válido ressaltar que as ações humanas são partícipes dos usos da linguagem, ou seja, a realidade se expressa pela linguagem e só existe na medida em que se possa expressá-la, reagir ao seu uso, utilizar-se dela, ser tomado por ela (visto que os seres humanos são sujeitos pela linguagem). Longo (2006, p. 7) alerta-nos de que “A linguagem tem uma existência dinâmica, está em permanente processo de criação por sua multidão de falantes – as forças vivas dos sujeitos que reagem contra a coisificação da linguagem”. Logo, pensamos que o uso que fazemos das diversas linguagens não se reserva apenas a poetas, sobretudo estão enraizadas nos usos que a fazem todos. Daí a importância de pensar acerca daqueles que têm os usos da linguagem interditados, seja quando são impedidos de falar, seja quando o dizer e o agir de determinados sujeitos não tem lugar em sociedade (em âmbito jurídico, social, cultural). Ao se voltar para um tipo de educação que não seja hermético, fechado sobre uma totalidade pré-estabelecida, que não dialogue com vivências de sujeitos reais que se tornam sujeitos de aprendizagem em espaços educativos a questão passa a ser outra: quais as condições necessárias para que a educação efetivamente exista? Tal dimensionamento reflexivo corrobora pressupostos psicanalíticos que, ao contrário de destoar da educação reafirmam-na sob especificidades legítimas e redirecionamentos outros:

Essa *démarche* psicanalítica, cujas linhas de força já estavam definidas pelo percurso de Freud na questão da educação não discute a *boa relação* pedagógica entre o mestre e o discípulo ou as bases de uma metodologia adequada ao ensino. Ela nos fala antes sobre a precariedade inevitável de todo ato educativo, sobre a ignorância particular e insuperável, embora não

incontornável, de todo adulto em relação à criança e sobre o campo amoroso que se instala entre o educador e o educando permeando essa relação com uma atmosfera particular, decisiva quanto ao destino da aprendizagem. Fala também sobre o incerto caminho do sujeito ao longo de sua educação e dos múltiplos riscos de naufrágio nessa viagem.

Todo esforço de Freud nesse campo pode ser compreendido como sendo o de substituir a pretensão pedagógica de um *ideal educativo* (qual o melhor modo de educar?) por uma discussão sobre *as condições de possibilidade* de qualquer educação (o que é necessário acontecer para que haja uma educação?). (VOTOLINI, 2011, p. 10-11)

Na esteira dos estudos em psicanálise, vemos Freud preocupado com a influência possível da psicanálise em uma série de estudos, saberes e ciências. Tal faceta é destacada por Alberti (2000, p. 10) quando advoga que “o saber por meio da psicanálise poderia se tornar indispensável para todas as ciências que lidam com a história da formação da cultura e de suas grandes instituições, tais, como a arte, a religião e a ordem social”. Trazendo aos palcos das instituições escolares, percebemos que os tempos (hiper)modernos fazem emergir sujeitos que recorrem mais a alguém – ou algo - ao alcance da mão do que aos antigos templos religiosos que erigiram sua fé. Ainda, ancorando-nos em Maurano (2010, p. 12), percebemos que a Educação tem vivido no Império de Eros, uma vez que “Eros não é apenas o deus do amor, mas, tal como propôs a Psicanálise, é, sobretudo, a tendência à formação de laços, a tendência a estabelecer ligações”. A escola é um lugar em que o estabelecimento de relações consigo mesmo, com o saber, com a(s) cultura(s), com os outros deve se fazer presente porque, tratando de questões enfrentadas pela educação contemporânea, percebemos que a escola não é bem de consumo ou luxo, mas uma exigência para todos em uma sociedade democrática e humanística.

Se centrarmos as reflexões no ensino da linguagem ainda que saibamos que os fenômenos simbólicos, como os da linguagem, são fundamentais à vida e se ancoram no inconsciente, a escola persistentemente (ainda, muitas vezes,) ensina usos linguísticos (e metodológicos) formulaicos, engessados e repetidos/reproduzidos, esquecendo-se de que por meio da linguagem, “podemos dotar de significação o mundo e a natureza, ambos de existência enigmática e absurda, pois não são criações humanas” (LONGO, 2006, p. 8). Ao assinalar que os seres humanos atribuem significações ao mundo à sua volta estamos destacando que o sujeito também é um efeito da linguagem, um precipitado na ordem do discurso, do qual não é origem nem mestre, nem senhor. Por isso, utilizar-se de métodos ou fórmulas engessadas (como livros

didáticos com conteúdos pré-estabelecidos cujas metodologias são reproduzidas sem criticidade ou manuais com respostas) sem perceber a singularidade do outro é um gesto contrário aos pressupostos psicanalíticos freudianos que sempre primaram pela intercambialidade de cada ser humano.

Assim, quando propostas pedagógicas se utilizam de conceitos psicanalíticos elas geralmente o fazem a partir de uma condensação e pasteurização de tais conceitos. Entretanto, o lugar ao qual a psicanálise é convocada a discutir é desfocado das lentes de seu ângulo próprio, uma vez que tal área é retomada à custa de sua marginalização. Voltolini (2011, p. 10) discute que “Tal cartografia da reflexão pedagógica só sustenta a marginalidade da psicanálise em relação às questões educativas” escondendo, assim, o essencial: “não existe uma pedagogia psicanalítica porque, ao contrário, a posição da psicanálise no campo educativo é a de desmontar a pedagogia enquanto discurso mestre exclusivo sobre a educação” (VOLTOLINI, 2011, p. 10).

Mas, por estar à margem, a psicanálise se coloca em oposição ao campo educacional? De forma alguma! Por pensar na desconstrução e no uso da palavra temos dois lados que convergem e coexistem. Segundo Voltolini (2011, p. 11), “a psicanálise não objetiva discutir a boa relação pedagógica entre o mestre e o discípulo ou ainda as bases metodológicas adequadas ao ensino”. Por outro lado, ela lança luz aos educadores a respeito do ideário educacional que encrusta o inconsciente de muitos, já que como educadores carregamos em nossas identidades a ignorância particular e insuperável, embora não mutável, de todo professor em relação ao seu aluno. Não é a toa que para Lajonquière (1999) a crítica freudiana está centrada em na crítica ao justificacionismo pedagógico que nega a singularidade e a falta inerente a todo ser humano na medida de haver uma necessidade de desobedecer a preceitos e manuais que trazem certezas que se apresentam como irrefutáveis. Assim, não se deixa de constatar que o caminho é incerto, poroso, há riscos de múltiplos naufrágios nessa viagem que compõe o ato de educar em relação à atmosfera particular e singular de cada um que ensinamos.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho visou contribuir para o alargamento de uma compreensão parcial das relações entre psicanálise e educação, considerando especificidades e problematizações (im)

possíveis. O mesmo se torna, então, relevante, pois apresenta de forma didática e resumida tais considerações. Para (não) finalizar, é preciso acentuar a necessidade cada vez mais emergente de que o professor analise seu itinerário e reconheça, no (per)curso de suas aulas, um universo repleto de caminhos múltiplos. Por recorrer a Freud mais uma vez, por meio de suas experiências práticas – como a educação dada ao pequeno Hans, de cinco anos, a primeira criança na história da psicanálise a se tornar paciente -, podemos perceber o quanto enganoso pode ser se partimos do pressuposto de que existe uma só direção pedagógica e que conduza o aluno ao caminho a ser percorrido.

Além disso, é de extrema importância que se reconheça a presença do inconsciente na relação transferencial aluno-professor, fator que desconstrói o ideário educacional de que agimos e atuamos em sala de aula tendo a situação sob controle, seja (na ilusão de estarmos) controlando o educando e o andamento da aprendizagem, seja através da interpelação das cartilhas e materiais didáticos, por exemplo. Isso porque somos sujeitos cindidos, atravessados pelo inconsciente, o que resulta em sermos incompletos, repletos de uma não-totalidade fundante, um furo que nos constitui e cuja existência permite desconfiar da inexistência do inconsciente porque o descontrolo é constitutivo e nos interpela nas ações docentes, dúvidas e inseguranças do educar para além das cobranças de um ensino de excelência que conduza discentes notáveis ao vestibular. A educação, portanto, sobretudo o ensino da linguagem, sob uma égide humanística e emancipatória, não pode se deixar seduzir pelos discursos e tentáculos do utilitarismo neoliberal do mercado (que privilegia e exclui alternadamente) por que, justamente, educação e exclusão são dois termos que deveriam não coincidir no mesmo universo.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, S.; ELIA, L. **Clínica e Pesquisa em Psicanálise**. Rio de Janeiro: Marca d'Água Editora, 2000.

ARRIVÉ, M. **Linguística e Psicanálise. Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e outros**. São Paulo: editora da USP, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREUD, S. **O mal estar na cultura**. Tradução de Renato Zwick. Porto ALEGRE, RS: L&PM, 2012.

KUPFER, M. C. M. **Freud e a Educação: O mestre do impossível.** São Paulo: Scipione, 1989.

LAJONQUIÈRE, L. de. **Infância e Ilusão (Psico)Pedagógica. Escritos de Psicanálise e Educação.** Petrópolis: Vozes, 1999.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos.** São Paulo: Barcarolla, 2004.

LONGO, L. **Linguagem e Psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MAURANO, D. **Para que serve a psicanálise?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

MILNER, J.-C. **O amor da língua.** Campinas: editora da Unicamp, 2012.

VOLTOLINI, R. **Educação e psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

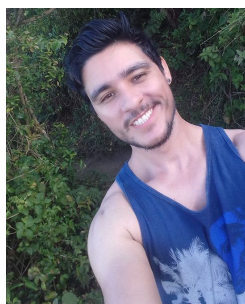
### FROM THE (IM)POSSIBLE MASTERY IN (HYPER)MODERN TIMES: ON LANGUAGE, EDUCATION AND PSYCHOANALYSIS

**ABSTRACT:** The present text aims to discuss relations between psychoanalysis and education. Thinking the transference relation and the presence of the unconscious as guiding arguments will be covered some psychoanalytic considerations about education and the teaching of language in hypermodern times. The method starts from the bibliographical survey and the use of the interpretation without aiming at the exhaustion of the themes. It is concluded that the subject is an effect of language and psychoanalysis has been used at the expense of its marginalization due to the fact of problematizing the pretension of an educational ideal and to move to a discussion about the conditions of possibility of any education.

**Keywords:** Psychoanalysis. Language. Education

Sobre os Autores:

Éderson Luís Silveira



Doutorando em Linguística (UFSC) e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) sob orientação do prof. Dr. Fábio Lopes da Silva. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -CAPES; Graduado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio Grande- FURG (RS). Membro-Pesquisador do Grupo Michel Foucault e os Estudos Discursivos (UFAM/CNPq), Formação de Professores em Línguas e Literatura (FORPROL/CNPq) e do Grupo de Estudos em Territorialidades da Infância e Formação Docente (GESTAR/CNPq). E-mail: [ediliteratus@gmail.com](mailto:ediliteratus@gmail.com)

Lucas Rodrigues Lopes



Doutorando em Linguística Aplicada (Unicamp) sob orientação da profa. Dra. Maria José Coracini. Mestre em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Graduado em Letras Inglês pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC- Campinas). Atualmente, é Professor de Nível Superior do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. E-mail:

[identidadesfragmentadas@gmail.com](mailto:identidadesfragmentadas@gmail.com)

